

Jazz

27 Abril 2011

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Sidsel Endresen

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Qua 27 de Abril
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h00 · M12

© Martin Sylvest



Voz Sidsel Endresen

Sem fiordes, nem montanhas

Não tem sido fácil para a crítica escrever sobre Sidsel Endresen, e divertido é verificar o rol de cantoras que são invocadas como comparação quando se trata de definir o que faz esta norueguesa editada pela ECM e pela Jazzland: Sandy Denny, Nico, Nina Simone, Marianne Faithfull, Meredith Monk e Lauren Newton são algumas delas. O certo é que essas tentativas resultam sempre como tiros na água quando se quer acertar no porta-aviões. Primeiro porque Sidsel é e sempre foi um caso à parte, e depois porque as suas linhas de rumo não páram de procurar uma renovação de termos e, inclusive, outros horizontes.

Ela própria o confirma: “Acho que essa variedade de referências tem que ver com a circunstância de o meu trabalho ter mudado gradualmente ao longo dos 30 anos da minha actividade. Há quem me conheça da década de 1980, quem me ouviu na de 90 e por aí fora. Num momento ou em outro até pode

ser que houvesse semelhanças com alguns desses exemplos, e isso só me honra, mas fui avançando sempre. Até porque não ando propriamente a cobrir estilos – tem sido um processo longo de desenvolvimento desde os meus inícios como cantora de soul, blues e jazz-rock, depois de jazz ‘de câmara’ e, desde há 10, 15 anos, com uma orientação mais abstracta e improvisada.”

As dificuldades em enquadrar idiomáticamente este grande nome europeu da voz que se deu a revelar com o Jon Ebersson Group advêm das complexas relações que mantém com o jazz e do facto de sempre ter incorporado elementos da música tradicional do seu país, da pop e da “nova música” nas suas peças. “Precisamente – diz. Não me considero uma cantora de jazz, pois não mergulhei de forma suficientemente profunda no canto clássico do jazz, na harmonia do jazz e na improvisação do jazz. É verdade que comecei com os *standards* e o *real book*, mas aborreci-me imenso com esse tipo de material. O que eu queria era focar-me na minha própria música e nas minhas letras,

aplicando ideias pessoais. Tenho-me inspirado no jazz e trabalhado com músicos de jazz, sobretudo devido à flexibilidade e à abertura de pessoas como Django Bates, Jon Christensen e Nils Petter Molvaer, mas quanto a aceitar essa tradição o que digo é: “não, obrigado.”

Ou seja, a resposta que Sidsel Endresen dá ao nome da série de concertos em que está inserida nesta sua vinda a Portugal, Isto é Jazz?, é paradoxalmente dupla: “sim” e “não”. A explicação está em discos como *Exile*, *Nightsong*, *Merriwinkle* e *One*, na sua associação com o compositor contemporâneo Rolf Wallin, com quem escreveu a ópera *Lautleben*, nas contribuições que assinou para o cinema, o teatro e a dança, no trio de música vocal improvisada com Elin Rosseland e Eldbjorg Raknes que gravou *GACK* e ainda nas palavras que a seguir se reproduzem: “O que eu quero é fazer música livre de tabus. Escolhi não ser uma purista e isso implica aceitar todas e quaisquer referências que surjam num dado contexto musical, e designadamente no desenrolar de uma improvisação. Há todo um mundo de possibilidades neste tipo de abordagem não censurada. Não restrinjo o fluir dos meus impulsos, mas já sou muito rigorosa com todos os outros parâmetros musicais.”

Além dos músicos já mencionados, Sidsel tem feito o seu percurso na companhia de Bugge Wesseltoft, teclista “pós-moderno” e “futurista” (os adjectivos são do próprio) com quem formou um celebrado duo, Jon Balke, compositor e pianista que tem aplicado nos seus espectáculos intermedia o conceito *ekstremjazz*, em associação performativa com os desportos radicais, Trygve

Seim, um saxofonista particularmente ascético que faz Garbarek parecer um melro palrador, e Christian Wallumrod, um partidário da EAI (de *electro-acoustic improvisation*), todos eles figuras de topo daquilo a que, com pouca justeza dada a diversidade existente, se vem chamando “jazz nórdico”. Aliás, e por mais experimental que seja a produção recente de Sidsel Endresen, é com essa área que mais habitualmente a identificam os críticos que não sabem muito bem o que fazer com ela.

Essa arrumação de prateleiras é assim desmistificada pela cantora: “Bom, uma coisa é certa: o que nós fazemos tem muito pouco que ver com fiordes e montanhas! O que se passa tem justificação bem simples: a Noruega é um país pequeno e todos nos conhecemos, todos estamos aparentados, não obstante haver vários géneros e estilos. Seguimos o caminho terraplanado por Jan Garbarek na intenção de olhar para outros lados que não na direcção do jazz norte-americano. Esses outros lados têm sido a folk norueguesa e a música contemporânea europeia. Outro factor importante é o apoio que o Estado dá às bandas estudantis, pelo que estão sempre a surgir novas gerações de músicos com os mesmos propósitos de inventarem as suas próprias vias. Por exemplo, as cenas da electrónica e da improvisação livre tornaram-se bastante fortes e independentes.”

O trabalho realizado por esses músicos mais jovens não deixou de influenciar Sidsel Endresen, que conta como colaboradores em algumas criações, por exemplo, Deathprod (Helge Sten), o manipulador de sistemas digitais e analógicos que integra o colectivo

Supersilent, e Jan Bang, um especialista do *sampling* que toca habitualmente com os trompetistas Jon Hassell e Arve Henriksen. “São ambos espantosos e pioneiros nos seus respectivos campos de acção. Tomei há muito a opção de não utilizar dispositivos electrónicos com a minha voz, antes de desenvolver técnicas vocais que me permitam realizar *cut-ups*, inversões, velocidades e mudanças de frequência sem recurso a máquinas, mas tenho uma grande afinidade com a música electrónica e faço questão em associar músicos dessa tendência nos meus projectos. Adoro a neutralidade auto-absorvente e os aspectos sónicos puros da electrónica, se bem que deteste *loops* intermináveis”, adianta-nos.

Ainda assim, Sidsel está cada vez mais interessada no formato solo, precisamente aquele que traz até nós: “É o que melhor me permite uma pesquisa específica da voz como instrumento de exploração livre. Por isso mesmo, trata-se de um *work-in-progress*. Na sua maior parte, os meus solos são improvisados, pelo que não faço a mínima ideia do que vou apresentar em Lisboa. Será uma combinação de quadros vocais com algumas estruturas pré-organizadas. Talvez ocorra uma parte melódica, com palavras que sejam compreensíveis. Logo se verá...” Seja como for, é de esperar que o concerto inclua uma vertente fonética com nenhuma ou muito pouca familiaridade com o modelo jazzístico do *scat*, correspondendo a toda uma gramática solidamente estabelecida pela nossa visitante...

Os comentários da artista a esse propósito: “Sou directa e indirectamente afectada pelo que realizaram os

dadaístas no começo do século passado. Aliás, como nos últimos anos tenho andado um bocado perdida relativamente aos meus textos, sem ter ainda percebido como os inserir em contextos de livre-improvisação, acabo por me decidir pelos fonemas e por uma paleta de texturas sonoras. Isso liberta-me da prisão formal que decorre do sentido dos poemas. Sou poeta, e para mim a poesia é talvez a mais destilada e clarificadora forma de expressão artística que conheço, mas os fonemas também me atraem devido ao seu potencial energético, de condensação e rítmico, para além de que são especificamente definidos pela própria voz, não por qualquer outra fonte. Mas atenção: também a este nível não sou uma purista e não estou alinhada com a tradição Dada.”

Sidsel Endresen também já tem tido ocasião de afirmar que utiliza a voz “concretamente”, mas afaste-se a ideia, também, de que cultiva vínculos especiais com a *musique concrète*. “Quando digo que tenho uma ‘voz concreta’ estou a referir-me ao facto de não trabalhar com subtítulos ou com motores psicológicos, mas com aspectos musicais muito concretos: o tempo, o timbre, as dinâmicas, a energia, etc. Isto pode parecer frio, mas sempre achei que devo confiar nos materiais que canalizo. Quanto mais precisa e clara sou com esses materiais, mais forte me torno como *performer* e como comunicadora. Posso estar errada, mas prefiro que a fisiologia dos músculos convocados pelo canto e as limitações da voz sejam aquilo que define o que faço”, esclarece.

Este distanciamento do expressivismo que marca o jazz e também a música improvisada original não significa

que não haja algum grau de emocionalidade na sua música. Nem tal seria possível, dado o relevo que nela tem a sustentação de atmosferas, regra geral escuras e misteriosas: “A questão é que o carácter *dark* dos meus discos e das minhas actuações não surge de uma escolha estética nem de um plano estratégico. Julgo que decorre simplesmente da minha inclinação pessoal para um certo negrume. Aliás, confesso que os acordes maiores e a mimetização de estados de espírito constituíram sempre um problema para mim.” Neste particular, talvez a Sidsel Endresen de 2011 não dista assim tanto da intérprete de blues que era no final dos anos 1970...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Sidsel Andresen

Sidsel Andresen tem estado na primeira linha da cena musical Nórdica há mais de duas décadas. O seu trabalho atravessa géneros que vão da ‘fusão’ ao jazz-rock nos anos 1980, à improvisação livre e à ‘nova música’ na década seguinte e no novo milénio.

Entre 1981 e 1987 Sidsel trabalhou como cantora e co-autora das letras do grupo de Jon Ebersen. Juntos gravaram cinco CD’s para a CBS/Sony e ganharam dois prémios noruegueses equivalentes aos Grammy.

Em 1990 e 1991 gravou dois álbuns como solista para a ECM em colaboração com Django Bates, Nils Petter Molvær, Jon Christensen, no primeiro disco, e David Darling e Bugge Wesseltoft no segundo. Estes dois CD’s e os três que, entre 1994 e 2002 gravou com o teclista Bugge Wesseltoft, dois deles premiados, proporcionaram-lhe largo reconhecimento internacional e numerosos elogios da crítica.

Entre 1995 e 1999 fez parte do trio vocal ESSE, com Elin Rosseland e Eldbjørg Raknes. Escreveram peças encomendadas para Vossa Jazz (1996) e NRK (1997) e gravaram o CD *GACK* (1999, para a Jazzland/Kemistri).

Para a mesma editora Jazzland, gravou, como solista, em 2000, *Undertow*, acompanhada por Audun Kleive, Patrick Shaw Iversen, Roger Ludvigsen, Bugge Wesseltoft e Nils Petter Molvær. O álbum foi, nesse ano, nomeado para os “Grammy” noruegueses. Fez extensas digressões na Noruega e na Europa e em 2002 funda um trio com Christian Wallumrød nos teclados e

Jang Bang na electrónica, com quem se apresentou em digressão e festivais pela Europa, Canadá e China.

Em 2002 formou um dueto com Christian Wallumrød e em 2004 gravou, com Helga Sten *Merriwinkle*, de novo para a Jazzland.

Desde 1999 que colabora com o compositor de música contemporânea Rolf Wallin. Foi solista e co-compositora na ópera para uma mulher *Lautleben*, apresentada em Ultima em 1999, em Bergen em 2000, Estocolmo e Reino Unido em 2001.

Em 2000 escreveu a música para o filme de Runi Langum, *Expedition*.

Sidsel dirigiu vários grupos e tocou com muitos músicos de jazz noruegueses e internacionais. Trabalhou dentro de uma larga paleta de géneros musicais, incluindo a música contemporânea, *performances* multimédia, solista em música coral e sinfónica, colaborando com outros poetas noruegueses e explorando a voz como instrumento a solo.

Desde 1990 escreveu música para onze espectáculos de teatro e dança, foi compositora residente no Molde International Jazz Festival (1993) e no Bergen NattJazz (2002).

Recebeu vários prémios musicais do seu país, entre os quais quatro “Grammy” noruegueses, o Buddy Award em 2001 (o mais importante prémio da Associação de Jazz Norueguesa) e foi nomeada em 2000 para o mais importante prémio musical escandinavo, o Nordic Council Music Award

Os media internacionais classificaram-na como a *Grande Dame* do nórdico, poético, jazz de câmara e como a mais inovadora cantora de jazz da Europa. Todavia, ela não se considera como uma

cantora de jazz no estrito sentido da palavra. As suas influências e as suas práticas musicais são múltiplas. Sidsel está sempre a mover-se para novas direcções, constantemente renovando a sua música e a sua atitude perante a música, pondo em causa o papel e a função tradicionais do cantor. Hoje em dia é considerada uma influência maior para toda uma nova geração de cantores.

Tem trabalhado muito a voz como instrumento a solo e desenvolveu um estilo de improvisação vocal muito próprio e inconfundível bem como uma “linguagem” abstracta, fonética, baseada na exploração da pura expressão do som da voz humana.

Os seus concertos a solo são intimistas e minimalistas, concentrados completamente na sua voz, sem utilizar efeitos ou equipamentos electrónicos. O seu repertório é um misto de improvisações e de material escrito por ela.

Próximo espectáculo

Icosahedron de Tânia Carvalho/ Tânia Oak Tree

Dança Sex 29, Sáb 30 Abril

Grande Auditório · 21h30

Duração: 2h00 com intervalo · M12

Coreografia Tânia Carvalho **Intérpretes** Abhilash Ningappa, Axelle Lagier, Bruna Carvalho, Bruno Almeida, Constança Couto, Elena Castilla, Florent Hamon, Guillaume Legras, Gustavo Figueiredo, Inês Campos, Jácome Filipe, Jutta Bayer, Luís Guerra, Luiz Antunes, Maria João Rodrigues, Marta Cerqueira, Maureen Lopez, Ramiro Guerreiro, São Castro, Teresa Silva **Música** Diogo Alvim **Luzes** Zeca Iglésias **Figurinos** Aleksandar Protic **Assistente de direcção e produção** Pietro Romani **Produção e difusão** Sofia Matos **Produção** Bomba Suicida - Associação de promoção cultural **Co-produção** Culturgest (Lisboa), Rencontres Chorégraphiques Internationales de Seine--Saint-Denis (FR), CDC Uzès Danse (Uzés), Hellerau - European Center for the Arts, Dresden (Dresden), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo) **Residências artísticas** O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Pact Zolverein (Essen), ADC - Association pour la danse contemporaine (Genebra), Buda Kunstencentrum (Kortrijk) e Hellerau - European Center for the Arts Dresden



© Tânia Carvalho

(Dresden) **Apoios** HAU/Tanz Im August (Berlim), Théâtre de la Bastille (Paris), Atelier Re.al (Lisboa), modul-dance, Culture Program **Agradimentos** Câmara Municipal de Viana do Castelo Bomba Suicida é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes **Estrutura associada** ALKANTARA, O Espaço do Tempo e Atelier Re.al

As várias pessoas que todos nós temos dentro... É algo que me intriga e que aprofundi durante a criação, no entanto não quero dar qualquer tipo de explicações sobre isso, gosto mais de pôr as cartas na mesa e deixar que o público jogue. Seja pela mesma ou por uma razão diferente da minha.

Tânia Carvalho

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
